

revista

Gente

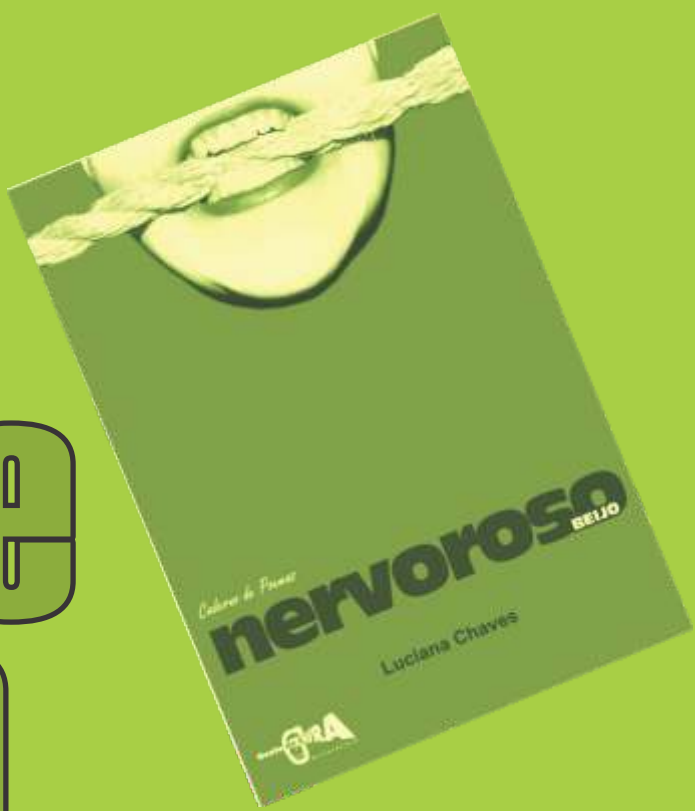
de

PALAVRA

nº 19



NO
VA
POE
SIA



Adélia Einsfeldt	Adenirce Nolasco	Ana Soares	André Foltran	Aron Pereira	Benette Bacellar	Bernardo Almeida	Carmen Sílvia Presotto
Cláudia Gonçalves	Diego Alejandro Mantilla Beltrán	Elsa Camargo	Fernanda Mellvee	Jeanine Will	Joaquim Moncks	Jorge Ventura	Juliana Meira
Katia Portes Leão	Léris Seitenfus	Líria Porto	Luciana Chaves	Luiz Otávio Oliani	M Isis	Maria da Glória Jesus de Oliveira	Marledys Pérez Alfaro
Nairana Melo.	Neli Germano	Renato de Mattos Motta	Ricardo Mainieri	Roberto Dutra Jr.	Sérgio Marques Teixeira	Teresinka Pereira	Wander Bêh

Nervorosas

Para Erivoneide Barros, mestranda em na USP e membro do Conselho Editorial de Gente de Palavra, *o trabalho sutil, de reinventar seu mundo imediato, ocorre nos poemas de Luciana Chaves. A poetisa (ou poeta, como preferia Cecília Meireles) demonstra maturidade poética ao brincar livremente com a estrutura, passear pelos gêneros sem perder o contato com a poeticidade. O domínio da forma também se manifesta no modo como é trabalhada a sonoridade e o ritmo dos poemas. Destaco o manejo consciente da pontuação na construção de sentido, integrando totalmente forma e conteúdo, algo que não é simples de se construir.*

Bio-relógio-lógico



Luciana Chaves.

Os cadernos de poemas continuam a deixar as gavetas dos poetas e ganhar as páginas de livros com o selo Gente de Palavra. Graças ao financiamento do Fumproarte, Fundo Municipal de Produção Artística e Cultural da Prefeitura de Porto Alegre, mantemos nossa tarefa de concretizar os sonhos de alguns poetas. Abril é o mês de Luciana Chaves lançar seu Nervoroso beijo.

ERIVONEIDE BARROS



A moça é professora de inglês, dona do Instituto Multilínguas, trabalha no Acervo Literário da poeta Patricia Bins, mantém desde 2008 o blog Nervoroso (nervoroso.blogspot.com), e participa desde 2013 de nossa revista e saras. Luciana Chaves é Gente de Palavra.

quando nasce
um poema

o poeta tem
morte certa

é possível ver
no futuro texto

a funda cicatriz
do recomeço

Juliana Meira



Soneto de persuasão

Seria bom se o sol não refulgisse?
E na paisagem não houvesse abrigo?
Sendo assim, lhe digo, meu amigo:
Tudo seria belo, se o amor surgisse.

Anjo soturno do meu coração
Tu não vês a tarde que incendeia?
E esta natureza que nos rodeia?
Parece um convite à nossa união.

Deixemos o passado para trás...
Guardemos só os afetos sinceros
A vida é bela e vale a pena, sim!

Apreciem os momentos singelos
Como a alegria de tê-lo junto a mim.
E deixemos tudo por conta de Eros.

Fernanda Mellvee

Espantelho

não tenho mar não tenho rio
e nem lagoa enxurrada ou copo d'água
tenho mesmo é esse jeito de ser_ tão
essa secura esse bagaço essa aridez
em lugar de coração

e tripas

Líria Porto





La estación

I
Suspiran los ecos olvidados en el castillo fugaz,
voces del reino inconcluso...
una brisa de antaño reposa sobre
el viejo antro pagano:
retornan los días profanos,
días de pasión eterna y culpable.

II
Un deseo errante perturba
el recato de la Doña,
doncella de besos infernales
y belleza infecunda que busca en
el amor un sueño de olvido: engaño del tiempo.

En La Estación, un aire fatal se ciñe a la
flor marchita...

Marledys Pérez Alfaro
Colombia



Essa tua voz macia
que ao cantar
me acaricia

soneto no ouvido
Sol sostenido, noturno
sem dó, sussurros...

ai coração, bate
brinca canta ama
faz alarde, seduz

essa tua voz tão viva
que em mim ecoa, luz
... que na hora arde

saudade!

Carmen Silvia Presotto
Vidrágua!

Temporal

Estou rodando no nada
Indo não sei para onde
Embaixo da chuvarada
Que minha visão esconde
Sou vítima da tempestade
Que o destino arquitetou
Mesmo sem fazer maldade
Um quinhão me sobrou
E agora, o que faço
Se já nem rezar sei
Sem as lágrimas secarem?
Vou implorar por um farol
Ou mesmo, em último caso,
Uma nesga de sol.

Maria da Glória Jesus de Oliveira



As minhas palavras
te calam...
E o seu silêncio
me fala...
E no desencontro
entre as palavras
entrecortadas
e entrelaçadas
o vácuo do que
não foi dito,
mas nem por isso
não foi sabido...



M Isis

www.todapoesiadodia.blogspot.com.br



Seguindo em frente

Comeu o pão
que o diabo
amassou
Sem lamúria
ou lamento
agradeceu
a Deus
pelo alimento...

Léris Seitenfus



Ponto de cruz

choro
a erosão
do tempo
traçado
em ravinas

sei do que é
deserto:
o caminho
do homem

a vida é trama
dedicada à seca

entrelaçam-se
desmandos
desenganos
desenredos

no horizonte
de esperas
o sertão bordado
de mandacarus

escrevo meu rumo
no ponto de cruz

Jorge Ventura

Poesía

Maestro te preguntas que es poesía
y debo confesarte que es una dulce condena
es la muerte silenciosa que ronda el alma
cada que queremos huir.

Poesía es la sonrisa de un niño
es el consejo de un anciano
poesía es la tumba del corazón
y la morada del perdón
es una lágrima muda
una melodía sin tiempos.

Maestro te preguntas que es poesía
y debo confesarte
que son los ángeles que danzan
[sin que podamos verlos
es la frustración que se esconde tras las letras
cada que queremos volar.

Poesía es la lluvia a las seis de la tarde
es el sol de las siete de la mañana
poesía es el caos mental del ser humano
es una onda constante en el aire
es la fe que se llena de sangre las manos
es la persistencia del silencio
poesía es la esencia sin ciencia de un artista
[sin teatro
maestro, poesía no es una condición del cuerpo
poesía... poesía es el estado del alma.

Elsa Camargo
Bucaramanga, Colombia 2010



Endividado
com seus senhores
preferiu a fuga.

Enredado
em pensamentos & sentimentos
abdicou da razão.

Vagueia pela rua
sem nome
sem memória.

Reinventa sua estória
em troca
de um gole de cachaça
e de um pedaço de pão.

Ricardo Mainieri

O tempo e a gente

O tempo é.
A gente tá...
O mundo gira,
a vida vai
passando
como uma escola de carnaval
triumfante na avenida,
que é soberana
neste contexto
como o tempo é pra vida...
O tempo é.

A gente tá.
O mundo gira,
a vida vai...

Wander Bêh
<http://www.facebook.com/wanderbeh>

Coração

*Se tens um coração de ferro, bom proveito.
O meu, fizeram-no de carne e sangra todo dia.
José Saramago*

Meu coração
abraça a nostalgia
e recorda fantasmas
de amores
vividros.

Desfeitos os anos de primavera,
amanhecemos um dia
com a dignidade
obrigatória
no coração
que sangra...

Teresinka Pereira



Luz na rua

A luz enfim chegou à Rua Pau Brasil!

Os pais podem ficar tranquilizados,
a Associação de Moradores assegura:
NÃO MAIS anjos de rua furtarão
a virgindade das moças
na saída da missa.

A Rua Pau Brasil é toda luz
nos mistérios que a revestem.
Não há sombra que possa
ante a clareza dos postes...

A luz chegou com suas transgressões!

Os rapazes em desespero se perguntam:
— Onde vamos esconder agora
nossos pobres corações selvagens?

— Pobres de nós, suspiram as virgens...
nuas, em seus quartinhos escuros...
sem fé, coitadinhas, nem álibi...

André Foltran

[Ressonância]

Guardei seu nome embaixo da língua, guardei seu nome entre os dentes da frente.
Úmido e quente nome – sob o céu da boca – luz nenhuma.
Repeti seu nome – sílaba, sibilo, cilada.
Multipliquei seu nome, contas alvoroçadas.
Seu nome-pixel, seu nome enciclopédia.
Professoriei seu nome sobre os bancos da praça pública.
Seu nome não sem-paixão: de quem fui vassalo.
Sob garoa fina, seu nome, sem guarda-chuvas.
Seu nome, poça d'água, regato.
Verão – seu nome – sombra de árvores muito velhas.
Marcas de sapato na grama-verde-proibido-pisar: seu nome-advertência.
Deitei seu nome em lençóis enrugados. Decorei seu nome-mantra,
tabuada; seu nome tantas vezes nada.

Katia Portes Leão

www.contoscontragotas.blogspot.com





O tempo instante
desliza apressado
nas dobras do
vento lento
foge por caminhos
por onde passei

desdobra em retalhos
por atalhos
nas ruas e cidades
sem idade

os não que andei
foram tantos
e no entanto
parece que
apenas cheguei
ontem.

Adélia Einsfeldt

O que faz o hábito...

vesti o avental
e ataquei a louça
como um animal

vesti o hábito
do monge recluso
colou e fiz uso

vesti a capa
capaz de espantar
os superfantasma

vesti-me de noiva
não era só o vestido
vinha com marido

vesti o uniforme
da abnegação
de fácil traição

vesti o colete
à prova de amor
as balas eram doces
vesti o paramento
do padre e o Paráclito
me fez sábia

despi-me de tudo,
desmistifiquei o tédio
que santo remédio!



Na hora do rush

perde-se na hora do rush
entre rostos desconhecidos
em busca do equilíbrio

vozes ressoam
assombram discórdias
ruídos buzinas luzes
misericórdia

olha a lua
ora ao senhor
conta os centavos

entra no arranha-céu
em busca de colo
um afago ao acaso

bate na porta
o amor na boca transborda
em busca do céu

Benette Bacellar



largo o argumento cibernético
tenho em minhas veias asfalto quente
e meus olhos óticos aparatos
auxiliam uma memória microfilme
as narinas obstruídas contam a história
em camadas de sedimentos tectônicos
sou meu tempo
colisão, cinzas, velocidade
esquinas, alamedas, botequins
passagens, logradouros, viagens
tudo mesclado no cheiro do coração derramado
cada passo na faixa
cada poste
cada baixa
a cidade me perpassa pinta minha pele
a cidade me atrasa ferida aberta
unguento, emplastro, manhã sem sonho
cama vazia, o árido mar inominável

dentro escrevo um livro
sobre tudo que esqueci

quando a cidade se lembra de mim
no livro em que não estou
o silêncio de minhas mãos apaga meu nome



Visão selenita

Eu moro na lua
Numa grande cratera
Sou Selenita:
Vejo a Terra bonita
Mas não cantão quimera.

Vejo as fases da Terra
E pergunto pra mim:
Quando terá, a guerra,
O seu esperado fim?

Vejo a Terra minguante:
Muita gente importante
Muita Gente Ruim.

Vejo a Terra Nova:
Jovem a toda prova
Nesta gente "de brim".

Vejo a Terra Crescente:
Vamos lá, minha gente
Arregacem o "jeans".

Vejo a Terra Cheia:
Mesa farta na ceia,
Vejo a Terra assim.

Sérgio Marques Teixeira



Bem-vindo, ao mundo
onde os heróis têm cirrose
os meninos tropicam nos
calhamaços de cédulas
que seriam seu destino
onde o amor fraqueja
onde todos fracassam
e homens só trabalham
movidos a corda de um sexo oral
ou balançar de quadris.

Bem-vindos!
onde todos estão sozinhos
com suas vértebras perdidas
procurando se apossar qualquer
articulação que lhe cause o gozo
onde as árvores tombam
como bêbados indigentes
onde se mata o filho
para que não iguale ao pai
onde se reparte o pão
com a condição de entregar
o pedaço embolorado
sejam bem vindos
aos rumores da vitória
ajoelhados em bandeiras
provando ainda mais que
nossas histórias são uma fábula
escrita por um péssimo publicitário.
Onde não passamos de personas
não gratas assalariados com a miséria.
Sejam bem-vindos
não liguem se forem currados
em prol do progresso
derramaram o seu sangue
para que festeje.

Aron Pereira

Os dias lentos cavam as horas fundas

Entendemos nossos passos mais próximos
Quando eles param de nos seguir
E encontramos-nos: imagem e sombra
O espelho é reflexo
E toma o movimento por coincidência
– Sendo mudo, escuta o que não cabe numa voz –
Abre aspas para o silêncio

Bernardo Almeida



Navegando pelas estrelas

*"sento ao doce piano
e entardeço"
Vince Vinnus*

sou apenas um corpo despreparado
intervalos finitos de marfim e ébano
metais, martelos
olhos de madeira
pele percutida

improviso, faina, fantasia
cravo com suave e forte
delírio epitelial sobre o mesmo tema
variação de cordas cruzadas
cepo e suas cravelhas
(que a vida se incumbe de apertar)

versos de se levar para um poema deserto
pedais de acionar o mecanismo dos sonhos
sou apenas um corpo sostenuto
aguardando tuas mãos na marquise
da capo al fine

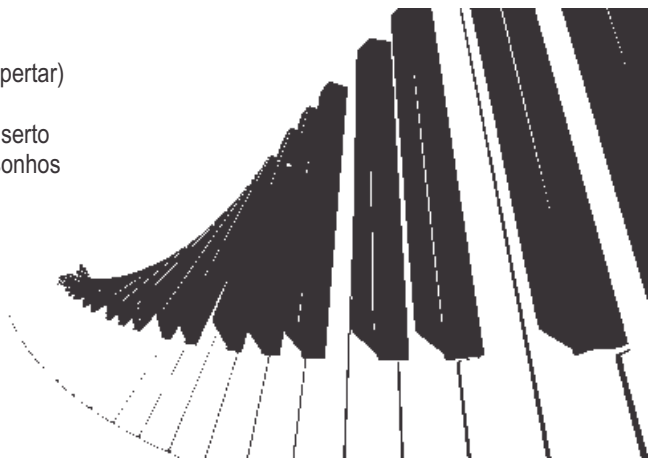
Jeanine Will
caminhaodemudanca.blogspot.com/



Desejos cortados...

Minha face
Refletida no espelho
Envelhece,
Quase não reconheço
Meus traços
Me sinto como uma gota de sangue
Caindo após um corte...
E ainda não descobri
Se isso é princípio
de vida ou de morte...

Nairana Melo



Encantamento

no balde de juçaras
o homem busca
a água de que precisa

no terreno seco
procura o vento

encontra Deus
disfarçado de sabiá

Luiz Otávio Oliani

Outono

Ok, outono!
Façamos um trato:
Vou ficar bem quietinha.
Silenciar a mente.
E assim como a natureza nos ensina, vou esperar tudo passar.
Vou deixar fluir entre as folhas secas, seu legado!
Que o vento sopra muito,
Que eu voe longe, mas possa voltar mais forte...
Tudo é transitório.
As flores brotarão mais uma vez!
A primavera?
Eu sei que virá.

Ana Soares



Preludio bajo tierra

En ocasiones olvido que me llamas
desde dentro,
desde un gran árbol escondido
que dejaste crecer en mí
hace tiempo.
En ocasiones olvido que
me desvanezco lento
por un roce,
tu cabello, una sonrisa, tus dedos,
una calma que encuentro
bajo tu aliento.
Pero recuerdo
que una melodía arrulla tu
viaje hasta un único momento
en que también soy pluma
y juntos marchamos
en remolinos tiernos
por arenas de
dos anhelos vivos
que se estrellan
sedientos.

Diego Alejandro Mantilla Beltrán



Engano

no ônix
do teu olho
vi um céu
de azul
sem fim

no teu porto
um mar
de calma

rosas sem espinhos
só eu via
__ ao despertar
vi sangrar
a maresia

Cláudia Gonçalves

Lânguida lepidóptera



O fio de viver

O choro da criança grita
dentro de mim e
o poema surta coração e palavra.
O rio virtual transborda o sim.

Exaspera-me a agonia
de estar antigo: insolente intruso
um potro doido
afogando-se de luzes
num mar de plasma líquido.

Foi-se o mar de Pégasus.
Zás-trás!
E com ele o centauro que vivia no poeta.
Resistimos: um *tablet* vazio
e nada de inscrição vivaz...

Joaquim Moncks
Do livro *O AMAR É FÓSFORO*, 2012
recantodasletras.com.br/autores/moncks

borboletas brincando na tua pele
cores que voam por ti

borboletas estranhas
brincando em tuas entranhas
cores percorrem teu corpo

borboletas safadas
voando meladas
cores te embalam a madrugada

tu borboleta de asas abertas
ainda agarrada à minha lagarta

Renato de Mattos Motta
Porto Alegre, 29/10/2012

Brado

A eles
O ralo
O talo
O rabo de foguete

A eles
O soco
O sufoco
O oco do dente

A eles
A corrente
No poste
“bandido bom é bandido morto”

----Às minorias
----A voz da assepsia
----O endosso do nobre osso
----“bandido bom é bandido morto”



Editado e impresso em Porto Alegre por Gente de Palavra Microeditora
www.gentedePalavra.com.br
gentedePalavra@hotmail.com

Esta edição: 100 exemplares
Revisão: Estevão Cogoy (IEL) e Michelle Hernandez (Gente de Palavra)
Redação, projeto gráfico e diagramação: Renato de Mattos Motta

Conselho Editorial:
Erivoneide Barros e Paulo Roberto do Carmo

Porto Alegre, abril de 2014.

APOIO:

